

<http://amazoniareal.com.br/belo-monte-atores-e-argumentos-8-grupos-indigenas/>



Belo Monte – Atores e argumentos: 8 – Grupos indígenas



Philip Martin Fearnside | 17/10/2017 às 18:13

Grupos de indígenas e seus líderes estavam no centro da luta de Belo Monte. Eles mantiveram a pressão sobre os funcionários do governo através de uma longa série de manifestações e ações diretas, tais como ocupações de escritórios do governo ou dos locais de construção. No entanto, uma séria perda do lado antirepresa tem sido o sucesso do consórcio da barragem em cooptar algumas lideranças indígenas.

Isto é feito dando aos líderes selecionados recompensas materiais tais como canoas a motor de popa (“voadeiras”), veículos, combustível e produtos alimentares (“rancho”) (e.g., [1]). Muito disso foi parte do “Plano Emergencial” que o consórcio concordou em executar como um programa de dois anos, isto sendo o período enquanto o Plano Básico Ambiental (PBA) estava sendo preparado [2].

Pressões internas no seio dos grupos indígenas podiam levar a silenciar os membros do grupo que anteriormente haviam sido abertamente críticos de Belo Monte. Também levou para a fissão de muitas aldeias indígenas (o número de aldeias aumentou de 19 para 39 entre 2010 e 2015), tanto como resultado de divergências sobre a oposição à hidrelétrica de Belo Monte e como um meio para obter acesso aos bens materiais distribuídos pelo consórcio da barragem para subgrupos dentro as comunidades indígenas, sendo que a distribuição dos benefícios nas comunidades foi muito desigual [3].

As vozes dos três grupos indígenas a jusante, que são os mais diretamente afetados pela barragem de Belo Monte em si, calaram-se nos últimos anos. Um evento notável foi um grande encontro organizado pelo ISA em Altamira, em setembro de 2013, reunindo grupos indígenas de toda bacia do Rio Xingu, porém os representantes dos três grupos a jusante (Juruna de Paquiçamba, Arara da Volta Grande do Xingu e Xikrin do Bacajá) não vieram (observação pessoal). [5]

Notas

[1] Heurich, G.O. 2013. A barragem e a canoa de Jawitĩ. Instituto Socioambiental (ISI), Brasília, DF. 4 pp. http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/arawete/osaraweteeoplanoemergencial.pdf

[2] Norte Energia SA. 2011. *PBA: Plano Básico Ambiental, Versão Final, Setembro de 2011*. Norte Energia SA, Rio de Janeiro, RJ. 7 vols. + anexos.
<http://norteenergiasa.com.br/site/2012/05/16/projeto-basico-ambiental-da-uhe-belo-monte/>

[3] Queiroz, T. 2015. Hidrelétrica de Belo Monte divide aldeias no Xingu. *O Estado de São Paulo*, 01 de abril de 2015. http://www.cliptvnews.com.br/mma/amplia.php?id_noticia=96421

[4] Fearnside, P.M. 2017. Belo Monte: Actors and arguments in the struggle over Brazil's most controversial Amazonian dam. *Die Erde* 148(1): 230-243. Doi: 10.12854/erde-147-18.

[5] As pesquisas do autor são financiadas exclusivamente por fontes acadêmicas: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 305880/2007-1; 5-575853/2008 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125). Agradeço a Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça pelos comentários. Esta é uma tradução atualizada de [4].

A fotografia acima é da Semana dos Povos Indígenas em São Félix do Xingu, no Pará (Foto: Thiago Gomes/Agência Pará)

Leia os artigos da série:

[Belo Monte – Atores e argumentos: 1 – Resumo da série](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 2 – A pergunta do por quê](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 3 – As empresas e as doações](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 4 – A corrupção confessada](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 5 – A ação da Dilma](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 6 – A máquina judicial](#)

[Belo Monte – Atores e argumentos: 7 – A Igreja e as ONGs](#)

Philip M. Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).